

Madrugada

Pedro Estorninho

Em tom de nota:

Tempos tenebrosos são os que vivemos neste momento. É impossível ficar imune, impávido, quieto perante tanta dor. Não estamos em tempo de cegueira. Estamos sim em tempo de gritar bem alto e de estender os braços despidos de medo, mostrando toda a nossa presença.

A quem ler, representar, estudar ou trabalhar este texto só faço uma exigência; que o seu mundo (por muito livre que seja) se abra um pouco mais e além.

Existe uma persistência, de há uns anos para cá, em não se falar da história recente do nosso país e do Mundo, parece-me mesmo que um certo branqueamento paira no ar.

Este texto é baseado em factos verídicos, não é criação ou imaginação, apenas a forma como o coloquei pretende torna-lo mais universal, por isso não o localizei no tempo. Mas foi um dos muitos interrogatórios que a PIDE fez a muitas das mulheres que prendeu. Não coloquei também o nome das personagens pois ainda uma delas, felizmente, está viva e pude entrevista-la, contando-me sem tabus o que sofreu aquando da sua prisão, praticamente nas vésperas do 25 de Abril. O desfecho da peça não corresponde à realidade do que lhe aconteceu, mas efectivamente aconteceu a muitas e muitos outros.

Também a personagem do interrogador existiu e a pessoa em questão (psicólogo contratado pela PIDE para este tipo de intervenções que, mesmo depois dos 25 de Abril manteve consultório aberto por alguns anos) tinha como trabalho este género e técnica de interrogatório.

Também ao longo do texto não descrevi nas pausas que existem a tortura que lhe foi exercida, apenas alguns indicadores. Mas foram desde a Estátua até à violência sexual.

Segundo o testemunho da presa política, os silêncios eram enormes e aterradores, tão tenebrosos quanto à ação física.

(uma sala branca ou clara com marcas na parede, ou então um espaço vazio industrial ou um armazém, com uma luz branca forte, uma mulher deitada escuta uma fechadura de metal antiga a abrir-se imediatamente coloca-se de pé em posição de estátua, um homem lança-lhe água à cara, ou faz um barulho estridente com uma moeda numa mesa de metal)

Homem - É perturbante esse teu olhar fixo...cego.

Eu posso comprar-te umas lágrimas de plástico, garanto-te que não sentirás a diferença. Será como se as tivesses sempre tido.

(silêncio curto)

Disseram-me ontem à noite, a princípio desconfiei um pouco... mas após uma breve, e claro, extenuante reflexão percebi que era verdade. Disseram-me que agora se usavam muito, essas novas lágrimas de plástico.

(silêncio médio)

Eu posso ir pé ante pé, ninguém saberá que serão para ti, nem tu própria estranharás. Como te digo não notarás a diferença... não podemos desprezar as coisas novas.

Mulher – (mulher olha em frente firme)

Homem – E penso que também não têm de ser úteis... necessárias acho que sim, mas não necessariamente útil. Porque se começamos a dar utilidade a tudo, seria muito sério, seria um sério problema. Seriam anos e anos a voltar atrás para descobrir algo de novo. Regressão total. E nós não queremos isso, pois não? Nem eu nem tu.

(de novo silêncio um pouco maior, mulher parada sem se mexer)

Prefiro que chores. Prefiro que não olhes assim. Ninguém disse que isto ia ser fácil.

(silêncio grande)

Ontem na tal conversa à noite, enquanto me falavam das lágrimas de plástico, senti que podia ser sério. Que... que se em determinado momento, que se a determinado momento, toda a gente, mas digo mesmo todas as pessoas, olhassem para ali e dissessem “Aquilo ali, aquela conversa que parece banal, desprovida de qualquer utilidade, seja para quem for, é séria!” e depois olhavam para o céu... não! Melhor, olhavam mesmo directamente para Deus e diziam mais tarde para o mundo “Aquela coisa das lágrimas de plástico é muito séria.”

Eu e aquele tipo seríamos os mais importantes de tudo.

Somente pelo facto de existirmos, não precisaríamos de fazer mais nada, apenas existir.

(silêncio médio)

De novo uma reflexão... apareceu-me outra reflexão! Percebi que já não era uma coisa nova. Existem à volta, existem perto, existem pessoas que já inventaram isso. Apenas existir.

Mulher – (grito cerrado sufocado, quase surdo) CALA-TE!

Homem – (como se não tivesse ouvido nada)

É este o meu trabalho, nada podemos fazer. Nem eu, nem tu. Nem que as nossas duas forças fossem inimagináveis. Nada a fazer.

(silêncio médio homem afasta-se um pouco)

Imagina que dois homens se encontram de noite, de noite! Um com bolsos fundos de desilusão e o outro como os outros, com bolsos menos fundos.

Ambos com a mesma inteligência, a mesma sorte, o mesmo dinheiro, a mesma força... digamos até que moram em bairros iguais, vivem em ruas e casas idênticas. Qual deles seria o mais velho? Qual deles é que se iria embora mais cedo? Qual deles é que aguentaria o jogo do olhar mais tempo? Qual deles é que viveria mais?

(silêncio curto)

Lembra-te que um tem os bolsos mais fundos. Mas de resto são iguais em tudo.

(toca um telefone ao fundo da sala, homem atende enquanto fala cabeça da mulher pende de cansaço)

Sim... podem passar à outra fase... mesmo agora... não, quase sem reacção. Avancem, passem a música.

(desliga o telefone e começa a ouvir-se uma música, de novo desperta-a com o barulho de uma moeda a bater em algo)

Como tudo pode ser bom. Eu já te falei daquela vez em que tudo foi bom.

(mulher torna a ficar firme)

Por vezes as coisas podem-nos parecer muito confusas, a loucura assola-nos, tememos mesmo o pior. Só que depois... depois qualquer coisa, qualquer coisa leve mas importante acontece e aí volta tudo ao normal, livramo-nos de chavões e grelhas, atingimos o poder do voo. Liberdade em toda a sua latitude.

(música acaba a corte)

Desculpa falar em liberdade dadas as circunstâncias. As tuas claro! O que é que eu dizia? À, daquela vez em que tudo foi bom. Sim dessa vez foi assim, o voo não foi interrompido. Dessa vez foi bom.

(silêncio grande)

Então! (tom de interrogatório) Então qual dos dois homens acaba primeiro?

Não sabes não é? É demasiado óbvio para ti? Precisas de algo mais estimulante? Mais estímulo é isso?

(avança para ela violentamente e fala-lhe quase gritando nos ouvidos)

Então? Isto são coisas banais? O que eu pergunto não te interessa? Qual dos homens?

(silêncio curto e mais baixo)

Não se vê logo que foi o homem dos bolsos fundos! Que a qualquer momento poderiam rebentar na cara do outro. Na cara e na vida do outro.

(homem vai acender um cigarro)

Sabes que terás que responder. A minha paciência tem anos de treino. A morte também é paciente comigo, enquanto contigo penso que te espera como àquele.

(aponta para o fundo da sala onde está supostamente o cadáver de um homem)

Fazes falta à morte! Nem que seja por estar só.

(silêncio médio)

Que imagem, a morte sentir-se só... bom e porque não? Muitas das coisas que fazem ou faziam parte da nossa vida sentem-se sós. Não é?

(de novo grita)

NÃO É?

(silêncio grande)

Afinal a morte é parte fulcral da nossa vida e parte decisiva.

(mulher continua firme apenas olhando levemente para baixo)

Assusto-te? Não estranhes. É normal. Aqui é normal. Aqui o espaço físico seja ele qual for, tem sempre interesse. Olha para ti? Sim por exemplo, tenta olhar para ti. O que importa? Quem se importa? Que importância tem a maneira como estás? Ou que aspecto possas ter? Muito mais importante é o que se passa fora da visão. Tudo o que corre por dentro.

(silêncio curto)

Como por exemplo o homem com os bolsos cheios de desilusão. Ninguém lhe mexia nas calças, ninguém lhe via os bolsos... e no entanto cheios. Acabou por morrer. Acabou por morrer só, durante largos anos nenhuma autoridade ou desautoridade quis saber.

Que interessa o que se olha, quando não se vê!

Eu sei que percebes e tu sabes que percebes.

(silêncio grande)

Tens um espaço de tempo.

Sim! Tens um espaço de tempo para me convenceres, para me dares verdades, para falares.

Para tornar isto um pouco lúcido.

Banalizemos esse espaço de tempo, vamos dar-lhe um termo... digamos três minutos. Não os subestimes. Os animais lá fora por muito humanos que te pareçam, por muito que te tenham sorrido querem apenas o teu sangue. Unicamente ausência e neste caso a tua.

Não percas tempo a questionar. Não vale a pena colocares-te numa situação pior.

Como já te disse, eu sou paciente tenho tempo e ideias suficientes para aqui estar, este é o meu trabalho. A minha certeza. Já não estou de nenhum lado e já to disse que estou livre de grelhas e chavões. Sou livre e nada me detém ou incomoda. A partir de agora está a contar, dois minutos e cinquenta e sete.

(silêncio de quase 50seg mulher chora)

Não percas o teu espaço, não percas o teu tempo. Para eles isso que fazes, esse choro, só lhes aumenta o apetite. Se comesças por aí irão querer muito mais... eles sabem que lhes posso dar mais, tudo.

Agora quanto a ti não sei. Mas desconfio que ficarás surpreendida com o que vais aguentar. Não estou aqui para te dar aulas, nem tão pouco para te explicar processos. Todos os que surgirem só darás conta quando os passares. Garanto-te que não será um tempo fácil nem agradável.

(silêncio curto)

Sei perfeitamente que também pensas o mesmo de mim. Que neste momento me chamas animal e covarde com toda a raiva que sentes.

Nem te passa pela cabeça a coragem que é preciso para isto, para fazer isto.

(vai de novo ao telefone)

Podem pôr a outra.

(ouve-se um grito de dor numa voz feminina, o homem vai à mesa de fundo acende um cigarro e bebe água.)

Não convém perder o equilíbrio. Toda a concentração, toda a lucidez vem da pureza e um trabalho bem feito tem de ser puro, mesmo que apareça... ou melhor... quando aparece sangue acaba por se diluir na pureza, nada o afecta.

(silêncio curto)

Penso que já te disse que tenho muito tempo e muitas ideias.

(silêncio médio)

Mulher – (tom baixo mas quase normal mas percebendo-se pela voz a tortura a que tem sido sujeita.)

Podemos chegar a um acordo? Vamos chegar a um acordo. Não falo em dinheiro, não seria justo nem limpo para ambos. Sabemos que não é por isso que aqui estamos... cada um na sua ocupação, eu de presa e tu de predador.

(silêncio curto)

Homem – Continua, esse é um caminho melhor... fala.

Mulher – Continuo. Ouves lá fora? É certo que não sei onde estou. Mas parece-me que lá fora também andam predadores.

(homem acende outro cigarro)

Mas afirmo que continuo a não saber onde estou. Pelo latir e pelo miar confunde-se quem é quem... predador ou presa... vejo coisas muito simples, três ou quatro quintais esguios, mas que daqui poderão estar na transversal. Talvez uma magnólia gigante rosa ao fundo. Escondendo precisamente o mais precioso dos quintais... a mais terna das casas. Lá como em todas as casas, haverá gente. Eles respiram. E mesmo apesar do que possas ter visto ou feito, em todos estes anos que tens treinado a paciência e que banalizas o tempo a um grito, ouves isto que está lá fora.

(silêncio curto)

Sei... suponho, que te questiones. Que em pé de igualdade agora, neste momento, eu sou maior, eu sou um dos quintais que jamais te deram a conhecer, que eu tanto represento e tu ainda poderás fazê-lo.

(silêncio médio)

Continuas a achar este caminho interessante? Continua a ser mais por aqui? É esta a moeda conversora que transforma predador preso ou presa livre? Tudo o que poderás realmente conquistar pode estar atrás de uma magnólia e sou eu neste momento quem tem a chave para essa raiz. Depois... e depois aí sim terás que reaprender a noção de paciência, sem algo que a suje, tudo limpo. Os quintais, as raízes e todos os Domingos que até agora recusaste existir... principalmente as tardes de Domingo, essas pequenas mortes que tanto te atrapalham e confundem. Não será mau verás, apenas desencontrado ao início, como a habituação a uma casa nova. Os barulhos desconhecidos da vizinha de cima, o próprio horário de chegada a casa, o ranger do chão quando alguém o pisa ou simplesmente o jeito de abrir uma nova fechadura. Coisas novas que se tornam hábitos velhos e ternos. Chegando a ser indispensáveis ao afecto partilhado. Mas o segredo estará sempre na magnólia.

Homem – Sabes... com certeza que sabes que outros tentaram isso... talvez não isso, mas no fundo, no fim sempre isso, uma compra. O medo torna-nos engenhosos. Interessante o que imaginaste a partir de um bloco de cimento. É que lá fora, logo aqui ao lado, num raio de trinta quilómetros não existe magnólia nenhuma. Nem tão pouco um quintal que a suporte. Um conselho? De nada vale engrandecer a existência quando ela não é notada por ninguém. O que importa é a quem fazemos falta e não o que queremos fazer pelos outros. Quanto a mim liberdade total, sempre só! Sem partidas nem chegadas. Ninguém me espera, mas todos me aguardam. Quer queiram ou não um dia lá apareço eu. Como no teu caso.

Mulher – De tudo... algo que ainda posso insistir, algo que podes observar, algo difícil... a sublime transparência!

A sublime transparência! Algo que ainda podes vir a habitar. E como é bom habitarmos qualquer coisa, é de uma beleza maior. É generoso habitarmos coisas faladas, coisas que cremos e doamos aos outros e que acabam por se tornar verdade, por acontecer. Tu próprio disseste! E sou eu que digo agora “Sabes”, muitos como eu ainda acabamos por habitar os poucos que vocês são.

Sei que têm formas de enganar, de ludibriar para não deixarem que se acredite, mas todos esperamos... e por mais fútil que vos possa parecer, todos acreditamos. Pouco importa que não chegue hoje ou amanhã, mas essa espera mantém-nos humanos.

Homem – Ao que te agarras mulher. Ao que vocês se agarram quando estão nessa posição, nesse posto. Nem digno de seriedade é. Nem pena, nem dó sinto. Talvez seja do sono, tens dormido bem? Mas sim tens razão, algo espera-te e não é bom.

Continua a pensar em jardins, magnólias e outras anormalidades. De nada te servirá. Não posso impedir que penses, mas de nada te servirá. Ilusões, nem crenças tampouco, meras ilusões. O desalinho foi algo que fez parte, constantemente, do vosso vocabulário. Nem revolta é, apenas desalinho. Nunca se deram ao trabalho de pensar que existe sempre alguém para os alinhar. Deviam agradecer por alguém como eu ainda se preocupar convosco. Mesmo agora no fim não pensas nisso, não entendes?

Mulher – Obrigado, mas dispenso tal preocupação.

Homem – Obrigado não, obrigada! Não, não agradeças, ainda não acabei, ainda não acabámos.

(homem vai perto dela a fumar sem tirar o cigarro da boca e encosta-se a ela.)

A preocupação é constante não vês! (grita) NÃO VÊS! A PREOCUPAÇÃO É CONSTANTE! OLHA BEM, AINDA NÃO VÊS!

(silêncio grande)

Uns nomes. O que são nomes hoje em dia? Existem milhões de nomes. Como aquele ali atrás por exemplo, tinha um nome, certamente não era o dele. Acabou assim. Tudo por uma coisa tão simples, nomes. Vê como as coisas são ridículas! Nome trocado e boca fechada, hoje em dia fazem muito mal à saúde. Mas vocês lá sabem. Como te disse a paciência é um dom que tenho, felizmente.

(Homem sai da sala demora-se e volta com uma sandes comendo-a à frente dela.)

Já há algum tempo que alguém aí nesse lugar não me fazia fome.

Sempre existem novidades.

Bem é sempre bom conversar enquanto se come em paz. Queres?

Mulher – Não!

Homem – Tu é que sabes, a noite vai ser longa e como vês também sei ser generoso.

Mulher – A nossa generosidade não está em pé de igualdade. Tem objectivos diferentes e a escala em que a proponho é muito maior.

Os dividendos não se calculam, surgem naturalmente, nunca entenderás. Como os que falam, os que acusam, esses não se fizeram assim, já estava dentro deles, apenas se revelaram.

Quando chega a este ponto de caos e desordem não se escolhem os lados, revelam-se dentro de nós. Tu aí e eu aqui. Em plena desigualdade em pleno medo, mas em planos humanos diferentes. Por isso estás aí, porque tens medo, sempre tiveste. Eu pelo contrário nunca tive, por isso estou aqui. E não falo do medo da dor... a dor dói muito, falo do medo de tudo. Medo de não teres a posição certa, de não pensares de certa maneira, de não seres gostado de certa maneira, de na escola não seres o primeiro, dos primeiros ódios não serem os correctos, da mulher não ser a mais certa, de, de, de...!

Isso é que é ter medo.

Homem – E tu não tens medos?

Mulher – Um enorme, do mundo que aí venha seres tu.

Homem – Bravo, bravo mesmo. Que honra estar perante a própria honra. Isso é que foi um belo discurso. Do melhor. Pena que se o diga em muitas caves desta cidade e seja mais uma folha decorada. Como é que diz o poeta... palavras, palavras, palavras.

Mulher – Que à força de serem ditas podem acontecer.

(telefone toca)

Homem – Sim... quando aconteceu?... estou preparado é só limpar a sujidade aqui no chão... (olha para ela) não sei onde vai parar, mas vou já resolver isto... uns momentos e a coisa acontece.

(desliga)

Homem – Parece que os teus apanharam quatro dos meus. Mas ficaram muitos dos teus por terra. Penso mesmo que um tipo novo, não chegava aos vinte, Luís Pintor, conheces?

(mulher começa a chorar)

É o que dá não ter medo. Mas é assim, é a vida. Penso também que já te disse que a morte é uma parte decisiva da vida.

(vai continuar a comer e acende outro cigarro)

Continuo a achar giro essa coisa das alcunhas, Luís Pintor. São imaginativos.

Mulher – É como te disse. Quatro dos teus, bastantes dos meus por terra, imagina quantos dos meus existem por aí, quantos mais aparecerão?! E tudo gente sem medo.

Homem – Já acabei e agora não me apetece conversar.

(pega num saco e enfia na cabeça da mulher vai ao telefone)

Musica de novo.

(Não se escuta música nenhuma.)

Lindo não é? Tenta apreciar?

ENTÃO NÃO É LINDO! Não aprecias música? Não sejas desmancha-prazeres. NÃO GOSTAS?

(Sem lhe tirar o saco da cabeça)

NOMES! O que é isso que te custa tanto dizer? Até os nossos filhos têm nomes, mesmo os filhos e maridos mortos. Apenas nomes... até faço um contrato contigo, só quero cinco, apenas cinco.

(Afasta-se de la e escuta)

Mulher – OLIVEIRA!!!!!!

Homem – Vês que não custa nada, continua.

(Tira-lhe o saco)

Mulher – Oliveira, Carvalho, Acácia, Pinheiro, Plátano e Magnólia.
Até te ofereci um.

Homem – Que mulherzinha! Humor. Não gostas de música mas sim de comédia. Pois bem. Até me estimula o teu humor, dá-me ideias, sinto-me criativo...

(Avança para e encosta-se mesmo colado por detrás dela)

...só agora reparei, e peço desculpa, que tens umas belas unhas, aliás existe muita coisa bela em ti...

(Cheira-a)

Apetece-te rir? Dizer mais alguma piada?

Mulher – Como sofres. Eu apenas sigo as tuas palavras, não perder o equilíbrio. Sabes que está no fim, sabemos que está no fim. Poucos dos teus estão lá fora, arriscam mais do que nunca para manterem os vossos tesouros, mas sabemos que está no fim. À cidade sei que já não a ocupam, muitos fugiram. Está no fim, não sei para quem primeiro, certamente para mim primeiro, mas sei que está no fim para os dois! Esta vai ser a primeira madrugada, tudo vai ser diferente, tudo de novo. Tu ainda estás a tempo... nem sabes o que te vai acontecer...

Homem – DE VEZ! Perdeste o juízo de vez.

(silêncio curto)

Acontece a muitos aqui, é normal. Não te envergonhes por isso, talvez seja melhor estares louca.

(telefone toca)

Sim... têm a certeza... ainda agora comecei. Mas ela... sim certo eu queimo.

(desliga e rasga alguns papéis que estão em cima da mesa, mulher pende a cabeça de novo ele bate com uma moeda na mesa.)

Podes sair.

(mulher fica espantada e demora a sair da posição de estátua)

Sim podes sair. Lá fora assinas os papéis para ires embora.

Agora tem cuidado. Vai lá para fora imaginares o que te apetecer, mas não esqueças que por detrás da magnólia eu posso a qualquer momento aparecer.

E vai-te lavar, tresandas.

(Ela está quase a chegar à porta quando ouve o canhão da pistola, vira-se firme ele aguarda uns segundo e dispara matando-a. Escuta-se de novo a fechadura de metal e é ele que está na posição de preso levando com uma luz na cara e grita assustado.)

Quem é que está aí? Quem é que está aí? Já perguntei quem é que está aí?

(O barulho de uma porta a fechar e ele fica encarcerado)

Fim